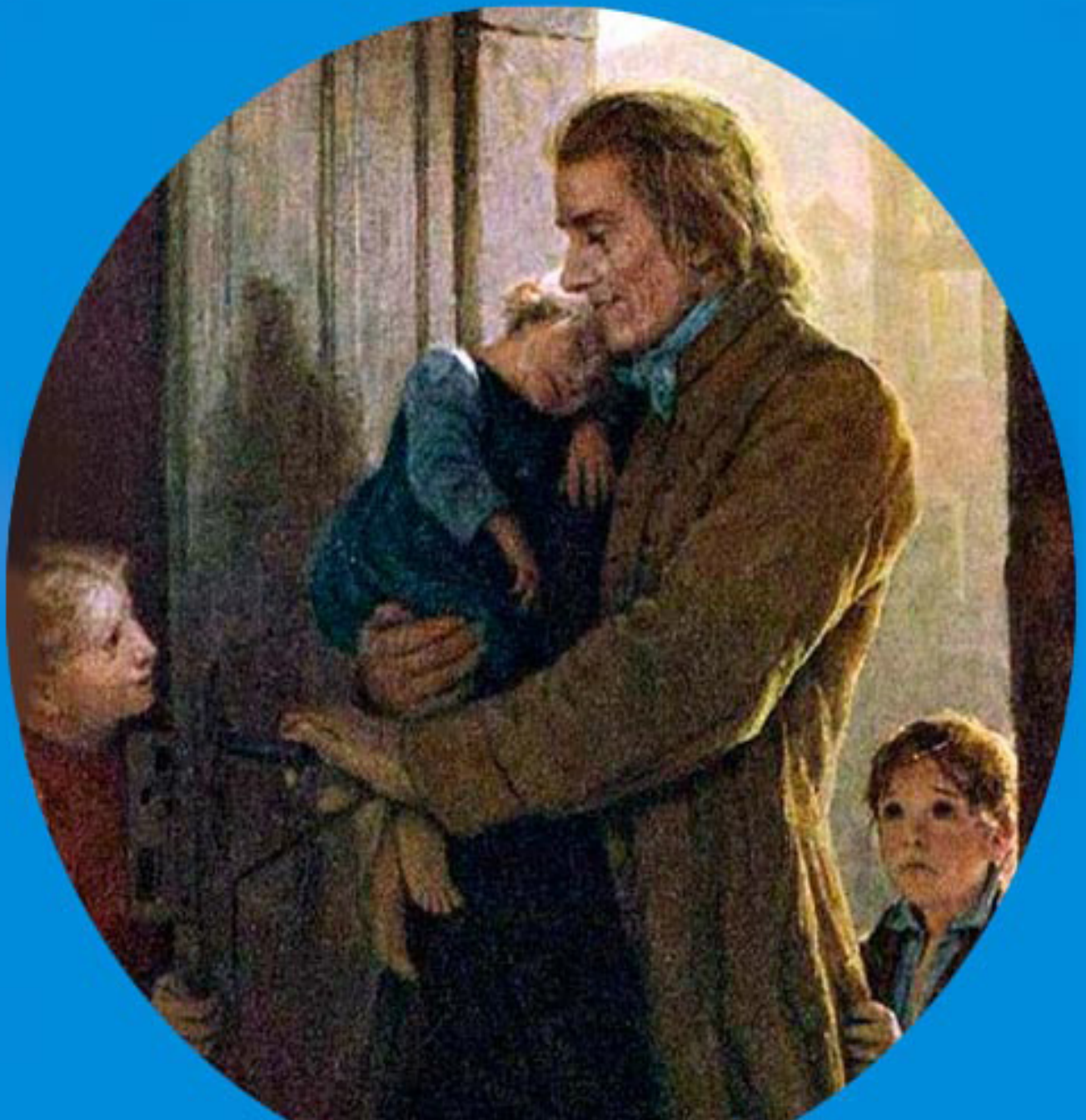




# CURSO ONLINE DE PEDAGOGIA ESPÍRITA

**Johann Heinrich Pestalozzi**



IDE - Instituto de Difusão Espírita - Araras / SP  
Instituição: [www.ide.org.br](http://www.ide.org.br) - Editora: [www.ideeditora.com.br](http://www.ideeditora.com.br)

## Johann Heinrich Pestalozzi

(Baseado no livro:  
*Pestalozzi, Um Romance Pedagógico*, mesmo autor e editora)

Pestalozzi nasceu a 12 de janeiro de 1746, em Zurique, Suíça, filho de Johann Baptist Pestalozzi e Susanna Hotz.

Depois de seus estudos iniciais, Pestalozzi entra no famoso Collegium Carolinum, em Zurique. Desiste de se tornar pastor, ideia que tinha desde criança, e inicia o curso de Direito.

Torna-se amigo de Johann Kaspar Lavater, que estudava teologia, entusiasta do magnetismo animal, estudado por Mesmer. Lavater renasceria mais tarde em Sacramento-MG, com o nome de Eurípedes Barsanulfo.

Interessante notar que Lavater já tinha idéias avançadas para a época, até mesmo para os reformadores suíços. Inicia uma série de correspondência com a Imperatriz Maria Féodorovna, esposa do Imperador Paulo I, da Rússia, em que ele trata sobre o estado da alma após a morte, a existência de um corpo espiritual, a ideia de que o homem sempre colhe o que semeia, detalhes sobre a vida no Mundo Espiritual e a possibilidade de os Espíritos de comunicarem com os homens encarnados, tudo isso antes da Codificação da Doutrina Espírita por Allan Kardec.

Em 1762, Pestalozzi lê o *Emílio* de Rousseau com enorme emoção e entusiasmo. Sente-se invadido por estranhas sensações que não consegue explicar. Amigos espirituais aproveitam as sensações mnemônicas e auxiliam o desabrochar dos pensamentos que vibram no universo psíquico de seu inconsciente profundo. As ideias de Rousseau lhe parecem familiares e o *Emílio* se torna seu livro de cabeceira.

Quando Rousseau é condenado em Genebra pelos seus livros *Emílio* e *O Contrato Social*, o povo de Genebra entra em atrito contra a governo e a aristocracia. Tais eventos têm grande impacto em Zurique, onde os alunos se colocam ao lado do povo de Genebra. Rousseau, com as ideias de amor à natureza, vida no campo, a simplicidade de costumes e as propostas de governo, é considerado um verdadeiro herói.

Em 1766, a situação se agrava em Genebra, e o governo de Zurique se propõe a enviar tropas para lá. É então que Müller, um jovem teólogo, escreve um artigo “Proposta dos Camponeses” que é lido por um pequeno grupo, mas cujas cópias acabam circulando em público.

*“Os cidadãos de Genebra têm o direito de adotar qualquer curso que lhes agrade, pois a liberdade de um povo consiste em serem capazes de organizar o seu governo como lhes convém. Além disso, foi formalmente estipulado que os cidadãos poderiam aprovar ou rejeitar as medidas constitucionais. Agora, eles rejeitaram a mediação de uma grande maioria...”*

As autoridades suspeitam de uma conspiração e, em janeiro de 1767, tentam prender Müller, que consegue fugir para Berlim. Pestalozzi e alguns outros alunos são injustamente acusados e presos. Pestalozzi é tido como um perigoso revolucionário e encerra sua carreira de direito. Decepcionado com o rumo de sua própria vida, volta-se para o campo e para a agricultura.

### Neuhof

Início do outono de 1768, Pestalozzi, cheio de entusiasmo, adquire uma área de bom tamanho perto da cidade de Birr, iniciando seu empreendimento agrícola, que chamou de *Neuhof*, que significa “fazenda nova”.

Com um empréstimo de um Banco de Zurique, inicia a construção de sua casa e no dia 30 de setembro de 1769, aos 23 anos, casa-se com Anna Schulthess, à revelia da família de Anna, cujo pai, próspero negociante,

via Pestalozzi como um sonhador, sem nenhum “tino” como homem de negócios.

No entanto, apesar de todo o seu esforço e o trabalho duro realizado em Neuhof, a agricultura não prospera. A terra não é tão fértil como se esperava. A cultura de legumes e de garança não dá o resultado esperado.

Abatido, Pestalozzi vê desmoronar o sonho de sua vida.

*- O sonho de minha vida, a esperança de uma grande e abençoada atividade que daria tranquilidade a minha casa, tudo desapareceu...*

Anna investe sua própria herança e, com a ajuda de sua mãe e amigos, Pestalozzi consegue pagar as dívidas mais urgentes e salvar a situação.

### O Lar Escola de Neuhof

Inverno de 1774, Pestalozzi envolvido em um sobretudo surrado, aproxima-se dos dois garotos, que tremiam de frio. Retira seu agasalho e envolve os meninos. Seu olhar reflete compaixão e amor, suas mãos afagam os cabelos dos meninos e sua mente busca uma solução.

A crise de 1770 não atingira apenas Neuhof, mas muitas empresas agrícolas da região, deixando muita gente desempregada, lançando muitas famílias à miséria.

Muitas crianças, abandonadas pela família, viviam mendigando e se tornavam vagabundas, dadas à mentira e até ao roubo.

Esta cena se repete várias vezes quando vamos encontrar Pestalozzi andando pelas aldeias e estradas da região de Birr, recolhendo crianças pobres e reunindo-as em sua própria casa, que se transforma em algo muito maior do que uma escola, mas em um verdadeiro lar para essas crianças.

Torna-se mais que um professor, mas um verdadeiro pai para as crianças que ele cuida, ama e educa.

Instala teares pequenos e organiza grupos de trabalhos manuais. Ensina linguagem, levando as crianças a se expressarem corretamente, escrita, matemática, noções de ciências, prática agrícola e evangelização.



Anna, com o mesmo idealismo, supervisionava todas as atividades, orientando as crianças com muita dedicação e carinho.

Tão pobre como os meninos que agasalha, reparte com eles o que mal lhe chegava. E no entanto, embora todos os esforços empregados, em 1780, esgotados todos os seus recursos, teve que fechar a escola.

Quase todos os seus bens foram para pagar as dívidas, ficando-lhe apenas a casa e uma pequena gleba de terra em volta. Sua esposa estava doente e incapaz de cuidar da casa e ele, desanimado e desgastado pelo trabalho. Chegaram a passar frio e fome.

É nesse momento de terrível angústia, que chegava às raias do desespero, que Pestalozzi recebe a visita de uma mulher que lhe oferece os seus serviços e, sem nada pedir em troca, sem mesmo ouvir os protestos de Pestalozzi que lhe dizia não ter como pagar os seus serviços, Elizabeth se põe a trabalhar.

Sem nada cobrar ou pedir em troca, Lisabeth, como era carinhosamente chamada, conseguiu trazer certo equilíbrio àquela casa e um pouco de paz à Anna.

## Pestalozzi Escritor

Ainda sentindo a angústia de seu fracasso, incentivado pelo seu amigo Isaak Iselin, Pestalozzi se põe a escrever.

Nesta época escreveu “*As Horas Noturnas de um Ermitão*”, contendo uma coleção de pensamentos e reflexões.

A este livro, em 1781, seguiu-se sua obra-prima: *Leonardo e Gertrudes* (“*Leonard und Gertrud*”), um conto onde narra a reforma gradual feita primeiro numa casa, depois numa aldeia, frutos dos esforços de uma mulher boa e dedicada.

A obra foi um enorme sucesso na Alemanha e países vizinhos, e Pestalozzi saiu do anonimato.

Pouco tempo depois Pestalozzi lança uma de suas obras mais profunda: *Minhas investigações sobre o curso da natureza da evolução da humanidade*.

Para ele, a moral é o fim supremo da educação, pois o homem é um ser essencialmente moral, ou seja, possui dentro de si mesmo a essência dessa moral.

Define então três estados ou etapas do desenvolvimento moral do homem:

No **estado natural** “o homem é fruto do puro instinto que o conduz simplesmente para todos os gozos dos sentidos”.

No **estado Social**, o homem “não entra na sociedade e se torna um cidadão para servir a Deus ou amar ao próximo. Ele entra na sociedade para tornar sua vida mais alegre e gozar o que seu ser animal deseja e para que seus dias transcorram satisfeitos e tranquilos.”

No **estado moral**, “- sinto-me livre do egoísmo do meu ser animal e social, no direito e no dever de fazer o que santifica a mim e ao meu ambiente.”

Assim, o estado natural ou primitivo corresponde à natureza animal, aos impulsos instintivos de sobrevivência e dominação, procurando satisfazer suas necessidades básicas. O homem é egoísta por natureza. Corresponde ao estado primitivo do homem.

O estado social corresponde à moral social, à lei social, ao que se aprende na sociedade. Por necessidade, criou-se a sociedade, o governo, as leis, para coibir a manifestação dessa animalidade e garantir ao homem (ainda na animalidade) a satisfação de seus próprios prazeres. Apenas coíbe, impede a manifestação - não transforma os instintos básicos do homem.

Mas ao atingir o estado moral, o homem é capaz de trabalhar seus instintos animais, transformá-los, canalizar essa força num sentido positivo e é capaz de construir sua própria moral. A moral não vem de fora - é interior. O homem não é apenas um ser animal ou um ser social. Antes, acima e além de tudo, ele é um ser espiritual, é um ser moral por excelência, pois traz a essência Divina em si mesmo.

Podemos identificar os estados citados por Pestalozzi com as fases morais de Piaget.

No entanto, Pestalozzi exalta o amor, que é a base sobre a qual assenta toda a sua pedagogia, entrando no campo deslumbrante do sentimento.

Afirma que, através do impulso de alguém que se descobriu como ser Divino, que é um ser moral, que já trabalhou ou trabalha suas camadas íntimas, seus instintos elevando-o ao nível do amor, esse é capaz de despertar no educando o amor que ele já possui em si mesmo. O educador contagia, desperta essa essência

que se encontra em estado latente.

O papel do educador é despertar essa essência Divina no educando para que ele, uma vez consciente de si mesmo, possa se modificar, trabalhar consigo mesmo, e não ser governado ou dirigido por igrejas, instituições ou pelo estado. O educador acende a centelha ou desencadeia um processo através do qual o educando vai atingir a sua autonomia moral, o estado moral, despertando a consciência moral, a essência Divina que existe em si mesmo, como filho de Deus.

O homem que atingiu o estado moral não é aquele que se adaptou a uma sociedade, mas é aquele que constrói sociedades dignas que sintonizam com as Leis Divinas, com o Criador.

## Os órfãos de Stans

Em março de 1798, a Suíça foi invadida pelos franceses, e a Confederação Suíça entrou em colapso. Em 12 de abril de 1798, foi proclamada a República Helvética “una e indivisível”, e os direitos feudais e a soberania dos cantões foram abolidos.

Houve resistências às novas ideias de governo e as forças de Napoleão tomam o poder. Muitas cidades e vilas foram arrasadas durante a ocupação.

A cidade que mais sofreu, foi sem dúvida, Stans, que chegou a ficar em chamas. Cerca de 400 pessoas perderam a vida, entre homens, mulheres e crianças; 340 casas, 228 celeiros e 144 prédios de pequeno porte foram queimados.

Muitos não tinham condições de serem reconstruídos. Mais de 100 feridos e 169 órfãos, sem contar 77 crianças, que foram acolhidas por outros cantões. Ainda perambulavam pela cidade mais de 200 crianças que, embora não tendo ficado órfãs, estavam na mais extrema pobreza.

Foi durante esta terrível situação que Pestalozzi aceita a incumbência de socorrer essas crianças abandonadas, revelando-lhe um caráter verdadeiramente heroico. Muitas crianças vagavam no Cantão de Unterwalden, às margens do Lago de Lucerna, sem pais, casa, comida ou abrigo. Pestalozzi reuniu muitas delas num convento abandonado em Stans, e gastou suas energias educando-as.

Em um período muito curto de tempo realizou transformações surpreendentes naquelas crianças órfãs, abandonadas na maior miséria material e moral, que Pestalozzi amou como seus próprios filhos.



Cuidava delas pessoalmente com extremada devoção mas, em junho de 1799, o edifício foi requisitado pelo invasor francês para instalar ali um hospital.

Mais tarde ele escreveria a um amigo suas experiências em Stans, o que ficou conhecido com o nome de “Carta de Stans”:

*“A maioria das crianças, quando entraram, estava em um estado que a extrema degeneração humana traz como consequência irremediável.*

*Muitas vieram com tanta sarna, que mal podiam andar, muitas com as cabeças cobertas de feridas, muitas esfarrapadas e cheias de piolhos, muitas eram magras como esqueletos, amarelas, com feições transtornadas, olhos cheios de medo, testa cheia de rugas de desconfiança e preocupação, algumas atrevidas, acostumadas à mendicância, à mentira e à falsidade de todos os tipos, enquanto outras, oprimidas pela pobreza, eram resignadas, mas desconfiadas, insensíveis e ferozes.*

*Entre elas, algumas eram mimadas, que já haviam vivido com relativa facilidade; essas eram cheias de pretensões, ficavam juntas, demonstrando desprezo pelas crianças mendigas e de famílias pobres, não se sentiam bem neste novo modo de convivência em que o tratamento dos pobres não se parecia com suas antigas formas de vida e, portanto, não correspondia aos seus desejos.*

*Geralmente havia indolência e inatividade, falta de exercício das faculdades intelectuais e de habilidades físicas. Apenas uma em cada dez crianças sabia o alfabeto. Outros conhecimentos escolares ou elementos essenciais da educação havia ainda menos.”*

*“A falta de escolaridade era o que menos me preocupava, pois tinha confiança nos poderes naturais com que Deus dotou até as mais pobres e abandonadas criaturas. (...)*

*Eu sabia como são úteis as necessidades comuns da vida para ensinar aos homens as relações das coisas, em despertar-lhes a inteligência, em desenvolver seu raciocínio e acordar as faculdades latentes, sepultadas debaixo dos elementos de sua natureza e que só se tornam ativas depois de liberadas. Assim, o meu primeiro objetivo foi liberar tais faculdades e trazê-las às circunstâncias simples da vida doméstica.*

*Estava persuadido de que minha afeição mudaria o espírito das minhas crianças, tão prontamente como o sol da primavera vivifica a terra adormecida pelo inverno. Não me enganava: antes que o sol da primavera derretesse a neve das montanhas, as minhas crianças já se mostravam inteiramente diferentes.*

*Eu estava de manhã até a noite, praticamente sozinho no meio delas. Tudo o que lhes acontecia de bom para o corpo e para a alma, vinha das minhas mãos. Cada ajuda, cada auxílio às suas necessidades, cada lição recebida vinha imediatamente de mim. Minhas mãos repousavam em suas mãos, meus olhos pousavam em seus olhos.*

*Minhas lágrimas corriam com as delas e meu sorriso acompanhava o delas. Elas estavam fora do mundo, estavam fora de Stans, estavam junto a mim e eu estava junto a elas.*

*Sua sopa era a minha, sua bebida era a minha bebida. Eu não tinha nada, não tinha família nem amigos, nem empregados em torno de mim, tinha a elas. Quando estavam saudáveis, eu estava no meio delas, quando adoeciam, eu estava à beira do leito. Eu dormia no meio delas. À noite, eu era o último a deitar e, pela manhã, era o primeiro a levantar. Quando estavam na cama, eu orava com elas e as ensinava até que adormecessem. Eram elas que assim queriam.*

*Não era de uma organização externa que eu esperava a regeneração que precisavam. Se eu tivesse usado de pressões, regulamentos, sermões, em vez de conquistar o coração de minhas crianças, eu as teria aborrecido e afastado do meu alvo. Primeiro que tudo, era preciso que eu despertasse nelas nobres e puros sentimentos morais,*

*para depois poder obter sua atenção, atividade e obediência.*

*A mim cumpria seguir o elevado ensinamento de Cristo: “limpai primeiro o interior, para que o exterior também possa ser limpo.” Se alguma vez este preceito se tornou realidade, foi nesta ocasião.*

*Fui bem sucedido na realização de meu objetivo. Entre aqueles setenta pobres e pequenos selvagens, logo reinou paz, amizade e relações tão fraternais, que é difícil de encontrar mesmo entre irmãos. (...)*

*Assim, amigo, também é com a virtude. Ela se desenvolve como a planta que cresce à medida que o solo satisfaz as necessidades de seus delicados brotos.*

*Observei o desabrochar de uma força interior em meus alunos que excedeu as minhas expectativas; e que, em alguns casos, me surpreendeu e causou-me enorme emoção.”*

Ainda não haviam se passado seis meses, quando acontecimentos imprevistos ocorreram, tornando impossível a continuidade da instituição.

As tropas francesas, em guerra com a Áustria, estavam com um grande número de feridos e, não conseguindo alojá-los em algum outro lugar, foi requerido o edifício das Ursulinas, pondo fim ao trabalho de Pestalozzi.

## **Pestalozzi em Burgdorf**

Alguns meses depois, ainda em 1799 vamos encontrar Pestalozzi em Burgdorf (Berthoud em francês), no cantão de Berna, caminhando com seus alunos pelos arredores da cidade, observando a Natureza ao vivo, para, através da observação, despertarem a vontade de aprender.

A cidade, situada a 28 quilômetros a nordeste de Berna, se formou ao redor do castelo de Burgdorf, construído às margens do rio Emme. Com o tempo, a cidade se expandiu, formando a chamada cidade baixa, habitada pelas famílias mais simples, considerados, na época, “não burgueses”.

O prefeito de Burgdorf, Schnell, obteve a permissão para Pestalozzi lecionar em uma pequena escola na cidade baixa.

Burgdorf se tornaria famosa pela atenção dada à educação popular e pelo trabalho de Pestalozzi, mas não nesta pequena escola.

A escola continha 73 alunos e tinha como professor Samuel Dysli, o “velho sapateiro”, como era chamado, pois trabalhava como sapateiro quando não lecionava.

Observa Pestalozzi com certa desconfiança, pois suas aulas nada tinham em comum com o que se praticava na época. Não utilizava os livros habituais nem os livros de cópias, nada aprendiam de cor e nem faziam as tarefas e lições normais na época. O novo professor preferia sair a passear com as crianças pelas redondezas.

Além de nada entender do método de Pestalozzi, ficou chocado por ele negligenciar o Catecismo de Heidelberg.

Dysli contou suas opiniões para os pais, conseguindo alarmá-los até o ponto de afirmarem às autoridades que não queriam esse intruso em sua escola.

As autoridades foram obrigadas a ceder e Pestalozzi foi afastado da escola, passando por mais uma decepção em sua carreira de professor.

No entanto, as autoridades locais, confiando em Pestalozzi, obtiveram sua admissão em uma das

escolas dos burgueses, a Escola Miss Stahli, onde ele ficou com uma classe de 25 crianças, de ambos os sexos, entre cinco e oito anos. As crianças maiores de oito anos eram divididas em três classes de meninos e três para meninas.

Embora no início ainda mantinha receio de novamente entrar em conflito com as velhas ideias, em pouco tempo sua metodologia se mostrou ser de grande eficiência.

Oito meses depois, quando aconteceram os exames, o resultado dos testes valeram um cumprimento e elogio da Comissão das Escolas de Burgdorf.

\* \* \*

Em fins de 1800, Pestalozzi anuncia a abertura do Instituto Educacional no Castelo de Burgdorf incluindo uma escola normal para formar professores.

O Instituto iniciou suas atividades no início de 1801 e durou apenas três anos e meio. No entanto, sua reputação foi além das fronteiras da Suíça.

Pestalozzi contava com excelentes colaboradores, pessoas simples e alegres que compreenderam sua metodologia.

Muitas vezes, ainda de manhã, professores e alunos saíam em longas caminhadas pela região observando diretamente a natureza, usando, sempre que possível, todos os órgãos dos sentidos, o que despertava o interesse pelo estudo e um forte apelo à vontade de aprender.

O material recolhido nessas caminhadas eram utilizados nas aulas. As próprias crianças, vivenciando cada momento, chegavam às próprias conclusões. Observar, comparar, deduzir por si mesmo ou com o auxílio dos professores, de forma tal que cada ensinamento se tornava uma descoberta. O professor não ensinava determinada matéria isoladamente, mas levava o aluno a aprender de forma ativa, viva e profunda.

A escola estava longe, muito longe do que se praticava na época em outras escolas. Cada lição era vivenciada, não de forma isolada, mas com os conteúdos totalmente integrados. Por isso, seus opositores declaravam que Pestalozzi sequer tinha um plano de estudo. Ledo engano, pois os professores não trabalhavam com matérias isoladas à maneira das escolas tradicionais, mas com conteúdos integrados e de forma ativa, levando os alunos à compreensão real do objeto ou fenômeno em estudo.

Temos aqui as raízes do fabuloso Método Intuitivo de Pestalozzi, até hoje tão mal compreendido, cujos detalhes veremos nos próximos itens.

\* \* \*

Foi nesta época, início de janeiro de 1801, quando a neve pincelava tons de branco sobre as árvores que Pestalozzi começa a escrever a seu amigo Enrico Géssner, editor em Zurique;

*“Meu caro Géssner :*

*Você me diz que é tempo de explicar publicamente minhas ideias sobre a educação do povo. Vou, pois, fazê-lo e, a exemplo de Lavater... vou expor tão claramente quando puder, meus pontos de vista, ou melhor, minhas opiniões sobre este assunto.”*

Assim, nascia uma de suas mais preciosas obras: **“Como Gertrudes Ensina seus Filhos”**

O livro é composto por quatorze cartas que abordam seus princípios pedagógicos, que surgiram através de suas experiências.



Da quarta à décima primeira carta, trata da educação intelectual, na décima segunda, refere-se à educação física e nas duas últimas à educação moral e religiosa.

\* \* \*

Em fins de 1801, seu filho desencarna em Neuhof, deixando-lhe um neto. Anna Pestalozzi deixa Neuhof e vem se juntar a seu marido. Sua nora, seu neto Gottlieb e Elisabeth se mudam para Burgdorf.

Graves mudanças políticas ocorreram na Suíça, e as autoridades do cantão de Berna exigiram a desocupação do Castelo que abrigava o Instituto, pois nele se instalaria o governo da cidade.

Assim, em 1804 o Instituto foi transferido para o Castelo de Munchenbuchsee, perto de Burgdorf.

Mas o Instituto não dura muito tempo.

Pestalozzi recebe um convite da administração da cidade de Yverdon, para abrir uma escola naquela cidade, onde se falava a língua francesa e o aceita.

Assim, já na segunda metade do ano de 1804, Pestalozzi, em conjunto com seus colegas professores, começa a definir o novo instituto no castelo de Yverdon.



Início de outubro de 1804 vamos encontrar Pestalozzi e seus amigos entrando alegremente em Yverdon, no cantão de Vaud, às margens do Lago de Neuchâtel.

\* \* \*

Naquele momento, a 3 de outubro de 1804, em Lyon, na França, a 230 quilômetros de Yverdon, as sete horas da noite, Jeanne Louise Duhamel dava a luz a seu filho Hippolyte Léon Denizard Rivail, sem saber que aquele pequeno ser era um dos mais lúcidos trabalhadores de Jesus, encarregado de grave e preciosa missão em nível planetário.

Jeanne Louise, natural de Burg de L'Ain, se restabelecia, devido a gravidez, naquele *Estabelecimento de Águas Minerais*, na rua Sala, 74, em Lyon, quando nasceu o seu filho.

Algum tempo depois, a família retorna para Burg de L'Ain comuna francesa do departamento de Ain,

na região Rôdano-Alpes, hoje conhecida como Bourg-en-Bresse, onde Denisard passou sua infância.

\* \* \*

Em fevereiro de 1805, começa a funcionar o Instituto de Educação, em Yverdon, nos mesmos moldes que o de Burgdorf.

Além das crianças de Yverdon, outras vieram de Burgdorf, mas, com o tempo, muitas outras vieram de vários países da Europa.

A escola recebia alunos de diversos países, de línguas e costumes diferentes, o que dificultava a comunicação. A língua falada na região de Yverdon, como em todo o cantão de Vaud, era o francês, mas todos os alunos estudavam também o alemão. A maior dificuldade era com os alunos de língua italiana e inglesa.

Muitos alunos chegaram na idade infantil e se tornaram colaboradores da obra ou se destacaram em elevados cargos em diversos países da Europa.

Naquela época, ao lado do castelo, havia uma vasta área utilizada como jardim e plantações diversas.

Seguindo as idéias de Rousseau que pregava a “volta a Natureza” Pestalozzi levava a criança a um contato direto com a natureza, ao invés de utilizar figuras e objetos representativos.



Eram comuns as aulas ao ar livre, onde as crianças podiam observar detalhes da natureza, descrever e desenhar plantas, animais e rochas, permitindo a elas uma visão ampla da Natureza, onde os minerais, vegetais e animais eram estudados como partes de um mesmo ambiente e não de forma isolada. .

Nesta área, os alunos praticavam jardinagem, podendo fazer o projeto de seu próprio jardim ou horta e escolher as plantas mais adequadas ao solo e ao clima. Aprendia-se muito de botânica nesses momentos, e as atividades em sala de aula complementavam esse conhecimento.

Algumas crianças, quando demonstravam interesse, eram autorizadas a ter animais de estimação, especialmente coelhos. Mas cada animalzinho requeria cuidados especiais como higiene e alimentação, e as crianças não podiam descuidar disso, o que desenvolvia o senso de responsabilidade.

Os alunos, em sua maioria, eram internos e o estudo era em período integral. Durante as aulas, os alunos aprendiam em grupos. Os que se destacavam em um assunto eram utilizados como “*monitores*” para seus colegas de classe. O clima geral era de cooperação e amizade fraterna.

Mas o horário era flexível e as crianças tinham aprendizagem também de forma individual, além de muitas atividades fora dos muros do castelo, seja na ampla área em sua volta, seja por outras regiões de Yverdon e até mesmo fazendo visitas a outras regiões e países.

Não havia regras rígidas e proibições, muito menos castigos físicos. As ocorrências eram analisadas e as decisões tomadas após cada acidente, caso a caso.

Na verdade, o ambiente era de uma grande família, onde os professores conviviam livremente entre os alunos. Alguns professores moravam no próprio castelo, onde dormiam e comiam junto com os alunos. Os professores exerciam uma autoridade natural, baseada no respeito mútuo e na amizade.

De manhã e à noite, Pestalozzi pronunciava suas meditações na grande sala que servia de Capela, onde se reuniam professores e alunos. Embora recebendo alunos católicos, protestantes e até ortodoxos, a reunião simples terminava com um canto e uma oração a Deus.

À noite, Pestalozzi costumava caminhar pelos corredores e visitar os dormitórios dos alunos, verificando as acomodações. Algumas vezes, a prece da noite era feita no próprio dormitório das crianças.

Não havia espaço para o materialismo, no Instituto de Yverdon. Ciência e Religião conviviam em íntima correlação, sem conflitos e se completando.

## **Denisard em Yverdon**

Em 1815, a escola de Yverdon já era famosa em toda a Europa, quando lá chegou o garoto Denisard Hypolite Leon Rivail, então com 10 anos.

Na escola se falava o alemão e o francês, mas graças à dedicação do professor Alexandre Boniface, que era francês, Denisard não teve problemas com a linguagem e com a adaptação ao novo estilo de vida, como aluno interno.

Espirito preparado, Denisard facilmente entendeu a metodologia do Instituto. Percebeu que as matérias, embora aparentemente dispersas, eram sutilmente ligadas umas às outras, de forma que um assunto levava a outro.

A observação direta na natureza, levava a um conhecimento amplo e global do assunto em estudo.

Partindo do estudo de um fenômeno, os professores pareciam aprender com os alunos, incentivando-os a buscarem as respostas. E, como não existe fenômeno isolado na Natureza, muitas vezes a resposta requeria conhecimentos de matemática, biologia, química, etc.

As várias matérias em estudo, não eram “passadas” pelo professor, mas assimiladas pelo aluno através das atividades vivenciadas e de forma integrada.

Assim, o aluno não aprendia a “matéria” isolada, mas o relacionamento daquela matéria no todo de um fenômeno.

## **O Germe das Qualidades**

Para Pestalozzi cada ser já possui em si mesmo, o germe de todas as suas qualidades, em estado latente. À educação cabe a tarefa de auxiliar o seu desenvolvimento.

As diferentes faculdades do ser estão representadas pelo cérebro, o coração e as mãos.

O desenvolvimento intelectual está ligado ao cérebro, o desenvolvimento afetivo e moral depende do coração, e a ação, atividade, desejo, vontade de realizar, está representado pelas mãos.

*“O olho quer ver, o ouvido ouvir, o pé quer andar e a mão agarrar. Da mesma forma o coração quer crer e amar e o espírito quer pensar. Existe em cada um dos dotes da natureza humana um impulso que os faz elevar do estado elementar primitivo ao de adaptabilidade e perfeição. O inculto que ainda existe em nós é apenas um germe em estado potencial e não a verdadeira potencialidade.”*

*(O Canto do Cisne)*

A criança já traz dentro de si mesma o germe de sua perfectibilidade. A educação é o processo pelo qual esse germe se desenvolve. Mas não a educação formal, pelos livros, mas a educação onde se vivencia cada ensinamento. A própria vida é o fundamento da educação.

Tais ideias estão em perfeita sintonia com a frase de Jesus: *O Reino dos Céus está dentro de Vós...*

Da mesma em *O Livro dos Espíritos*, na questão 776 lê-se que o homem já traz em si mesmo o germe de seu próprio aperfeiçoamento: *Sendo perfectível e trazendo em si o germen do seu aperfeiçoamento...*

Léon Denis segue o mesmo raciocínio em sua obra monumental: *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, ao afirmar que são três as potências da alma: *Querer, Saber, Amar!*

## O Método Intuitivo

O processo denominado intuição corresponde à apreensão do objeto ou fenômeno pelo próprio indivíduo, através de intenso trabalho mental, e não, recebendo a resposta pronta.

Inicia-se através da observação, que inclui olhar, ouvir, tocar, comparar, analisar. Ao mesmo tempo em que observa, a mente busca a compreensão do fenômeno em seu aspecto global. Toda sua mente se põe em atividade, utilizando os conhecimentos que já possui, para compreender o novo conceito em análise. Assim, antes de obter uma definição ele compreende o conceito.

Para Pestalozzi nada deve ser ensinado verbalmente antes de a criança ter compreendido o real significado do objeto ou fenômeno.

Ao iniciar um passeio, a criança entra em contato com a Natureza, observando elementos do reino mineral, vegetal e animal em íntima correlação e interdependência.

Observa a Natureza “in loco” e não por meio de figuras ou desenhos. Assim, observa o fenômeno em atividades e a educação se torna vivência.

Por exemplo, uma planta em crescimento, como já vimos, oferece inúmeros objetos de observação: as raízes fincadas no solo, recebendo água e sais minerais; a seiva percorrendo o caule e os galhos; a influência do clima e da luz do Sol.

Assim, em contato com a Natureza, a criança concluía naturalmente que a planta dependia da terra, da água e da luz do Sol, e que a manutenção da vida depende de um fornecimento constante de energia.

Ao observar os animais, percebia uma diferença fundamental entre eles e as plantas. Os animais obtinham essa energia através dos alimentos de compostos orgânicos e da respiração. Assim, tudo se liga na Natureza.

Importante no processo de intuição é que a mente era acionada pelo “querer saber” que surgia no ato da observação.

A observação era estimulada, mas não imposta pelo professor. Não era o professor que fazia as perguntas que os alunos deveriam responder. Se assim fosse, eles buscariam as respostas às questões que lhes foram propostas.

Pelo contrário, através do passeio e da observação, as questões surgiam em suas mentes: “o que é isso”, “como isso funciona”. A dúvida que surgia da observação levava ao “querer saber”, acionando a energia volitiva do ser.

A mente “sai” em busca das respostas desenvolvendo a capacidade mental pelo ato de “pensar”.

Tudo o mais que for pesquisado em sala de aula estará em consonância com essa busca interna do próprio aluno.

Se o professor apenas explicar os fenômenos, mesmo com recursos modernos, estará trabalhando muito mais com a memória do que com o desenvolvimento mental, ou seja, com a capacidade de pensar, raciocinar, buscar novas soluções, etc.

Se o professor fizer as perguntas, o aluno limitará sua busca às respostas àquelas questões.

A genialidade de Pestalozzi estava em levar o aluno a observar os fenômenos à sua volta e incentivá-lo a buscar as respostas às próprias perguntas que surgiriam em sua mente.

Portanto, o termo intuição não pode ser confundido com percepção simplesmente. Não é um ato de simples percepção, mas de trabalho mental em que o próprio aluno compreende os conceitos, inicialmente através da percepção pelos órgãos dos sentidos, mas que é, ato contínuo, um trabalho de ação mental ou, na moderna linguagem de Piaget, de construção mental.

O método intuitivo, pois, leva o aluno a aprender a pensar, raciocinar, buscar suas respostas, trabalhar com sua própria mente, desenvolvendo os recursos mentais num trabalho de verdadeira construção mental.

Era isso o que Pestalozzi queria dizer quanto ao desenvolvimento das qualidades interiores. No que se refere ao aspecto intelectual, é o desenvolvimento da capacidade de pensar, raciocinar, buscar soluções, sem esperar respostas prontas. Inteligência é capacidade de realização mental e não acúmulo de conhecimentos.

No método intuitivo, a criança é levada a trabalhar simultaneamente e dentro de sua capacidade de assimilação, com os órgãos dos sentidos, a inteligência e o sentimento.

Assim, a intuição como elemento essencial do conhecimento se divide em três etapas: sensorial, intelectual e afetivo-moral. (Vide *Pestalozzi, Um Romance Pedagógico*, mesma editora)

Denisard deixou Yverdon em 1822, depois de beber das águas fecundas de Pestalozzi, retornando para Bourg de l'Ain. Mais tarde transferiu-se para Paris, onde escreveu sua primeira obra pedagógica: “*Curso Prático e Teórico de Aritmética*”.

No início de março de 1825, após graves dissensões entre dois de seus melhores colaboradores, Pestalozzi fecha o Instituto de Yverdon e retorna, com seu neto Gottlieb, para Neuhof, onde tudo tinha começado.

Pestalozzi desencarnou em 17 de fevereiro de 1827.

“Ele parece sorrir para o anjo que vem buscá-lo.” - disse um dos presentes.

Pestalozzi foi enterrado perto da escola em Birr.

Quando o prédio da escola teve que ser reconstruído, o grande conselho do cantão de Argau decidiu pela construção de um monumento em sua honra.

Em seu túmulo, leem-se as seguintes palavras:

Aqui jaz

Henrique Pestalozzi, nascido em Zurique, a 12 de janeiro de 1746.

Falecido em Brugg, a 17 de fevereiro de 1827.

Salvador dos pobres em Neuhof.

Pregador do povo em “*Leonardo e Gertrudes*”.

Pai dos órfãos, em Stans.

Criador da nova Escola Elementar, em Burgdorf e Munchenbuchsee;

Em Yverdon, educador da Humanidade.

Homem, cristão, Cidadão.

Para os outros tudo, nada para si mesmo.

Abençoada seja a sua memória.

---

Se Jean Jacques Rousseau, teoricamente, abriu espaço para a verdadeira educação, valorizando o sentimento e a moral, Pestalozzi vivenciou, em todos os seus atos, a verdadeira Educação do Espírito, deixando também, em suas obras, um embasamento teórico respeitabilíssimo, embora quase desconhecido.

Seja em Neuhof, Stans, Burgdorf e em Yverdon, o sentimento de amor sempre esteve presente. Amor imenso que auxilia em profundidade, educando, esclarecendo, iluminando a alma das crianças e abrindo caminho para seu futuro como Espírito imortal.

Em Stans, Burgdorf e Yverdon, criou o sistema de monitoramento, em que os alunos que mais sabiam auxiliavam os demais. Aceitou alunos em péssimo estado e os transformou em professores dedicados e amorosos. Enfim, criou um ambiente familiar na escola, onde professores e alunos viviam em ambiente de cooperação e ajuda mútua.

Seu fabuloso método intuitivo, tão mal interpretado até hoje, levava o aluno à própria descoberta, desenvolvendo sua capacidade mental, ou, em linguagem moderna, à construção das suas estruturas mentais, ou ainda, à construção da própria mente, desenvolvendo a capacidade de pensar, raciocinar, concluir, e, ao mesmo tempo, a capacidade de sentir e amar e, por fim, de criar, fazer, agir, atuar.

Deixou claro que a criança, o jovem, o adulto e todos nós somos seres que pensam, sentem e agem e que é preciso estimular, simultaneamente, todas as potências da alma.

Tudo isso, conduzindo o aluno à sua autonomia moral e intelectual, objetivo que é perseguido hoje pelos educadores mais lúcidos.

Enfatizou, em várias obras, a importância da família e a presença da mãe como educadora. E isso não apenas teoricamente, mas tentando fazer de suas próprias escolas uma grande família.

E, talvez o mais importante, destacou que a criança, como filha de Deus, já traz em si mesma o germe de todas as suas qualidades interiores.

Educação é o processo através do qual se auxilia o desenvolvimento gradual e progressivo dessas qualidades, que já existem em todos, em estado germinal ou latente. E, sendo a criança um ser que pensa, sente e age, a educação deve desenvolver a inteligência, o descobrir, o pensar, bem como o sentimento, em especial o sentimento de amor a Deus e ao próximo e, ao mesmo tempo o agir, o criar, o desenvolver, o fazer acontecer, ou seja, os atributos essenciais do Espírito, filho de Deus criador e, portanto, criadores por excelência que somos todos nós.

E nesse sentido, todos os dias e em todos os seus atos, lembrava nossa filiação Divina através, seja da prece da manhã e da noite, seja através de suas preleções e, principalmente, através de seus atos, de seu exemplo de vida.

E vivendo entre católicos, protestantes e até ortodoxos, conseguiu, mesmo recebendo muitas críticas por isso, viver o cristianismo em toda a sua pureza, sem dogmas ou rituais de qualquer natureza, embora sem criticar ou proibir alguém de os realizar.

Indo além de Rousseau, no sentido de “psicologizar” a educação, além do germe das qualidades interiores, e observando os diferentes estágios de desenvolvimento da criança e do jovem que, mais tarde culminaria na Teoria de Piaget e outros pensadores, Pestalozzi, antecipando a própria Doutrina Espírita, percebeu, mesmo sem ter o conhecimento da reencarnação (naquele momento) que cada criança possuía suas particularidades, tendência, preferências e aptidões que deviam ser estimuladas.

Nesse sentido, recebeu crianças de rara inteligência e elevado senso moral, e também meninos em péssimas condições, revoltados uns, desanimados e sem estímulo outros e, agindo com seu raro senso de realidade, conseguiu atingir a essência Divina que cada um trazia em si mesmo e despertar o que existia de melhor em cada um.

Sua vida foi um exemplo de fé, perseverança, firmeza e doçura, ao mesmo tempo. Um amor imenso pelos seus ideais, pelas crianças, pela verdadeira educação, que foi seu ideal de toda a vida.

É impossível separar sua vida de sua obra. Sua vida é parte de sua obra, não sendo possível fazer uma análise teórica que soaria fria e metódica, sem o calor do exemplo de vida que nos leva a entender realmente a metodologia de Pestalozzi.

Sugerimos assim a leitura do livro:

***Pestalozzi Um Romance Pedagógico***, IDE Editora.

